



## Nota de Abertura

5,9%! Parabéns! Obrigado!

1992 não foi há muito tempo. Nesse ano, 50% dos jovens abandonavam o sistema educativo. Lembro-me de, na minha escola secundária, em meados dos anos 80, olharmos com naturalidade para o facto de muitos deixarem de estudar. Porque tinham de ir trabalhar, porque os pais não queriam, porque eles não gostavam, porque outros não gostavam deles. Foi preciso começar a haver registo sistemático destes dados para que despertássemos para a urgência da atuação e, sobretudo, para o que estes números revelam: os casos de abandono são, invariavelmente, de alunos de condição socioeconómica mais desprotegida, com famílias com menos qualificações, mais vulneráveis, exatamente aqueles que só na escola podem encontrar as ferramentas para aspirar a uma vida melhor. Lutar contra o abandono escolar precoce é apostar no combate às desigualdades e ao determinismo social.

Sabe-se que um dos melhores impactos da educação é o efeito transgeracional. Uma geração educada quer que os seus filhos tenham ainda melhor educação. Este efeito, de acordo com dados da UNICEF, é ainda mais forte na relação entre as mães e as filhas. Por isso, cada criança que não abandona a escola demasiado cedo é um adulto que não permitirá que os seus filhos deixem de estudar.

Ponho no título desta nota duas palavras.

A primeira é de saudação, a todos nós, a todos os que acreditam na educação como principal força de elevação social. Parabéns a todos os que trabalham nas escolas, começando pelos professores que gostam muito dos seus alunos e que não se conformam com a ideia de que alguns estão condenados ao insucesso. Parabéns às famílias, sobretudo àquelas que, com poucos recursos, investem o que têm na educação dos seus filhos, estabelecendo prioridades certas. Parabéns a todos os que fazem da escola uma peça de uma comunidade maior, como as Câmaras Municipais e as Comunidades Intermunicipais e Áreas Metropolitanas que abraçam a educação como desígnio. Parabéns também aos que trabalham no Ministério da Educação e que, ao longo destas décadas, foram promotores de medidas de política educativa que permitem atingir estes resultados.

Não posso deixar de fazer uma referência especial aos agrupamentos de escolas TEIP, aos seus diretores e corpos docentes. É nestas escolas que se concentram os alunos mais vulneráveis, com maior risco de exclusão, insucesso e abandono. É pública a minha embirração

com os rankings da imprensa. Não falam de qualidade. Desconhecem que o esforço e o trabalho para que estes alunos não abandonem e concluam os seus percursos formativos é muito superior ao de algumas escolas em que os alunos aprendem porque têm recursos fora da escola.

A segunda nota é de agradecimento. Não o faço enquanto secretário de Estado, mas enquanto cidadão. Orgulho-me de viver num país que se destaca a nível mundial por uma melhoria consistente dos resultados educativos. Apesar de tantos quererem desmerecer o sistema educativo e a escola pública, é bom ver os números a mostrarem o trabalho feito. Obrigado a todos aqueles a quem dei os parabéns.

A educação é tarefa para os insatisfeitos. Os 5,9% são aqueles a quem ainda não conseguimos chegar. O contentamento não nos deve deixar parar de olhar para eles. O esforço que tem sido feito na promoção do sucesso escolar, com intervenções o mais cedo possível, com mais dados de aferição e diagnóstico, com mais ação social escolar, com cada vez mais diversificação nas vias de ensino, com alterações recentes à organização do Português Língua Não Materna, entre tantas outras medidas, permitirá que este caminho continue. O trabalho da inclusão dos mais vulneráveis é o mais exigente e o mais meritório e, por isso, o verdadeiro indicador da qualidade das escolas.

*João Costa, Secretário de Estado Adjunto e da Educação*